



VOZ DA FÁTIMA

No próximo dia 1 de Janeiro, ocorre mais um «Dia Mundial da Paz». A este propósito, lembramos que não são apenas os governantes a terem de promover a paz no mundo, mas todos nós, na medida em que a devemos promover em nós mesmos e à nossa volta. Não nos queixemos de falta de paz no mundo, enquanto vivemos em guerra com a nossa consciência ou com as pessoas que nos cercam.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LII N.º 615
13 DE DEZEMBRO DE 1973
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

O Natal e a Família

NESTA quadra do ano em que se comemora o nascimento de Jesus Cristo, todo o cristão relembra o significado deste acontecimento sempre actual que nos coloca perante o mistério do Amor extraordinário de Deus pelos homens e evoca a dignidade da família no exemplo sempre perene de Jesus, Maria e José — a Sagrada Família.

É neste exemplo que as famílias de hoje devem rever o seu ambiente de vida e proceder de acordo com os ditames da Fé. Por isso, se reúnem os familiares, vindos muitas vezes de longe, para se comprazerem das suas presenças e afirmarem a estima e a consideração que os unem. Não há melhor ambiente para esquecer velhas questões e estreitar os sentimentos de amizade e de verdadeira alegria entre todos. E, ao mesmo tempo que se fortalecem os laços humanos, todos devem ter presente o significado da mensagem: *Glória a Deus nas Alturas e na Terra paz aos homens que Deus ama.*

E porque a Família é uma criação divina valorizada, através dos tem-

pos, pelo espírito de comunidade fundamentada na doutrina da Igreja, as reuniões do Natal não se justificam apenas pela alegria dos familiares, pois elas hão-de servir também para prestar honra e glória a Deus e contribuir para que entre os homens haja paz e alegria. Por isso, não viverá o verdadeiro Natal quem, egoisticamente, pensa só em si e ignora os outros. Esqueçam-se inimizades, desculpem-se ofensas, viva-se em plena consciência de fazer o bem e de velar pelo bem-estar de todos.

Porém, nem só no Natal se deve ir ao encontro das necessidades materiais de tantos, levando aos pobres e infelizes o consolo do nosso auxílio ou de boas palavras e conselhos. Para o cristão consciente, é Natal todo o ano, vendo e amando a Cristo em todos os homens.

Vivamos o Natal como bons cristãos não esquecendo, portanto, que as alegrias familiares se devem projectar no ambiente de outros lares para que em todos eles haja o pão de cada dia e a alegria de se verem considerados filhos da grande família que é toda a Humanidade, não só nesta altura mas sempre.



Avelino de Almeida

O JORNALISTA QUE ESTEVE PRESENTE NA APARIÇÃO DE 13 DE OUTUBRO DE 1917, NASCEU HÁ 100 ANOS

Vários jornais referiram-se no dia 23 de Novembro à ocorrência do primeiro centenário do nascimento do jornalista Avelino de Almeida que, ao serviço do «Século», veio à Cova da Iria em 13 de Outubro de 1917 e assistiu ao «milagre do sol».

«O Século», em artigo do redactor Frederico Alves que ainda teve o privilégio de o conhecer, publicou uma evocação da sua vida e da sua obra, como jornalista, escritor, crítico, repórter e polemista.

E ao referir a sua reportagem sobre os acontecimentos da Fátima, o redactor do «Século» escreve: «Quantas reportagens teria caçado para «O Século»? ..., mas, sobretudo aquela com que a estrela dos jornalistas lhe emprazou encontro, na charneca da Cova da Iria, a 13 de Outubro de 1917. Corriam boatos de que em 13 de Maio a Virgem aparecera a três pastorinhos, empoleirada numa azinheira, em Fátima. E, de pessoa em pessoa, de terra em terra, transmitiu-se o arripio de um rumor: novo sinal brilharia no céu. Por toda a parte, em contrapartida, rugiam os ateus. De certo vilório, então estremenho, partiu de madrugada uma família boçal e rica, viajando em galera de peixe (facto nunca revelado, nem, valha a verdade, especulado pela Igreja) cujos ocupantes, depois de deceparem alegremente a azinheira do milagre, se despenharam com o carro e as bestas no fundo do Reguengo do Fetal. Sem sobreviventes.

Neste clima saturado de paixões, mestre Avelino foi um dos mais de 50 mil presentes em Fátima, naquele 13 de Outubro de 1917.»

● Continua na 2.ª página

A Fátima no Mundo

Esteve na Cova da Iria, no dia 10 de Novembro, o Rev. P. Henrique Amezcua, de Villa de Guadalupe, México, propositadamente para levar três imagens de Nossa Senhora da Fátima: uma para o santuário de Tulpelac, diocese de Tescoso, com o fim de «peregrinar», durante o Ano Santo, naquela diocese; outra para a paróquia de N.ª Sr.ª de Guadalupe, da mesma diocese; e a terceira para a obra dos Sacerdotes Operários do Reino de Cristo, também da diocese de Tescoso.

Estas três imagens estiveram expostas na capela das aparições, onde o reitor do Santuário as benzeu e implorou as bênçãos da Virgem Santíssima para o apostolado sacerdotal do P. Amezcua, que se vê na gravura, à esquerda, durante a cerimónia da bênção.

O Ano Santo na Fátima

Seguindo a determinação do Episcopado Português de tornar o Santuário da Fátima centro nacional das comemorações do Ano Santo, vai realizar-se nos dias 12 dos meses de Inverno, na Basílica do Santuário, às 21 horas, uma oração eucarística.

Para que os católicos de todo o país possam estar unidos a esta oração, a Rádio Renascença transmiti-la-á directamente.

NO CENTENÁRIO DE AVELINO DE ALMEIDA

Continuação
da primeira
página

Contudo, talvez seja interessante recordar o que Avelino de Almeida escreveu na «Ilustração Portuguesa», n.º 610, II série, de 29/10/1917.

Publicamo-lo na íntegra, actualizando apenas a grafia dalgumas palavras. Trata-se, como é sabido, dum depoimento insuspeito e de incalculável valor acerca das aparições da Fátima, particularmente do que ali se passou na última aparição.

O MILAGRE DE FÁTIMA

(CARTA A ALGUÉM QUE
PEDE UM TESTEMUNHO
INSUSPEITO)

Quebrando um silêncio de mais de vinte anos e com a invocação dos longínquos e saudosos tempos em que convivemos numa fraternal camaradagem, iluminada então pela fé comum e fortalecida por idênticos propósitos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou naquele desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro... Estão os católicos em desacordo sobre a importância e a significação do que presenciaram. Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontestável realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sê-lo. Pessoas de família arrastaram-te a Fátima, no vagalhão colossal daquele povo que ali se juntou a 13 de Outubro. O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difícil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diário, O Século, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de

curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo, mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensíveis à grandeza de semelhante espectáculo, único entre nós e de todo o ponto digno de meditação e de estudo.

* * *

O que ouvi e me levou a Fátima? Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascensão, aparecera a três crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagalote, recomendando-lhes que orassem e prometendo-lhes aparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mês, até que em Outubro lhes daria qualquer sinal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas léguas em redondeza; voou, de terra em terra, até os confins de Portugal, e a romagem dos crentes foi aumentando de mês para mês, a ponto de se juntarem umas cinquenta mil pessoas consoante os cálculos de indivíduos desapaixonados. Nas precedentes reuniões de fiéis, não faltou quem tivesse suposto ver singularidades astronómicas e atmosféricas, que se tomaram como indício da imediata intervenção divina. Houve quem falasse de súbitos abaixamentos de temperatura, da cintilação de estrelas em pleno meio-dia e de nuvens lindas e jamais vistas em torno do Sol. Houve quem repetisse e propalasse comovidamente que a Senhora recomendava penitência, que pretendia a erecção de uma capela naquele local, que em 13 de Outubro manifestaria, por intermédio de uma prova sensível a todos, a infinita bondade e a omnipotência de Deus...

Foi assim que, no dia célebre e tão ansiado, afluíram de perto e de longe a Fátima, arrostando com todos os embaraços e todas as durezas das viagens, milhares e milhares de pessoas, umas que palmilharam léguas ao sol e à chuva, outras que se transportaram em variadíssimos veículos, desde os quase pré-históricos até os mais recentes e maravilhosos modelos de automóveis, e ainda muitíssimas que suportaram os incómodos das terceiras classes dos comboios, dentro dos quais, para percorrer hoje relativamente pequenas distâncias, se perdem longas horas e até dias e noites! Vi ranchos de homens e de mulheres, pacientemente, como enlevados num sonho, dirigirem-se, de véspera, para o sítio famoso, cantando hinos sacros e caminhando descalços ao ritmo deles

e à recitação cadenciada do terço do Rosário, sem que os importunasse, os demovesse, os desesperasse, a mudança quase repentina do tempo, quando as bátegas de água transformaram as estradas poeirentas em fundos lamaçais e às doçuras do Outono sucederam, por um dia, os aspérrimos rigores do Inverno... Vi a multidão, ora comprimida à volta da pequenina árvore do milagre e desbastando-a dos seus ramos para os guardar como relíquias, ora espalhada pela vasta charneca que a estrada de Leiria atravessa e domina e que a mais pitoresca e heterogénea concorrência de carros e pessoas travancou naquele dia memorável, aguardar na melhor ordem as manifestações sobrenaturais, sem temer que a invernia as prejudicasse, diminuindo-lhes o esplendor e a imponência... Vi que o desalento não invadiu as almas, que a confiança se conservou viva e ardente, a despeito das inesperadas contrariedades, que a compostura da multidão em que superabundavam os campônios foi perfeita e que as crianças, no seu entender privilegiadas, tiveram a acolhê-las as demonstrações do mais

intenso carinho por parte daquele povo que ajoelhou, se descobriu e rezou a seu mandado ao aproximar-se a hora do «milagre», a hora do «sinal sensível», a hora mística e suspirada do contacto entre o céu e a terra...

E, quando já não imaginava que via alguma coisa mais impressionante do que essa rumorosa mas pacífica multidão animada pela mesma obsessiva ideia e movida pelo mesmo poderoso anseio, que vi eu ainda de verdadeiramente estranho na charneca de Fátima? A chuva, à hora pré-anunciada, deixar de cair; a densa massa de nuvens romper-se e o astro-rei — disco de prata fosca — em pleno zénite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar...

Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja...

AVELINO DE ALMEIDA

«Fátima nos Caminhos do Homem»

numerosas livrarias o requisitaram para distribuir pelos seus clientes.

Com o livro enviou o reitor do Santuário um pequeno inquérito e pedido de sugestões à volta da Pastoral do Santuário, da Pastoral das Promessas, do que se pensa das pequenas e das grandes peregrinações.

De muitos lados surgiram sugestões, alvítes, ideias que estão a ser apreciadas pelas Autoridades eclesásticas responsáveis do Santuário.

O Documento Pastoral do senhor Bispo de Leiria veio despertar muitas consciências adormecidas e apontar o remédio para as crises de fé e de vivência cristã da época actual.

De facto, na Fátima procura-se uma maior autenticidade de fé, mais participação e integração de todos os peregrinos nos actos comunitários das pequenas e das grandes peregrinações, melhor acolhimento aos peregrinos de perto e de longe, ricos e pobres.

De longe, há uma maior procura do sentido de Igreja na Fátima, de esclarecimento e sobretudo cumprimento da Mensagem — vivência cristã, emenda de vida, amor a Deus e à Igreja.

O livro do senhor Bispo penetrou até nas crianças — não tivessem sido elas escolhidas por Deus para a manifestação da Santíssima Virgem na Fátima. Vários Párocos distribuíram como prenda da comunhão solene o livro «Fátima nos Caminhos do Homem».

Esgotada a edição de 100.000 exemplares, torna-se necessário fazer nova edição, pois para esta segunda já existem 60.000 pedidos, e ao Santuário chegam diariamente cartas a pedir a remessa deste Documento, escrito, como o senhor D. Alberto diz, na abertura, «a quantos em Portugal e no mundo desejam conhecer e viver a Mensagem de Fátima, caminho de salvação para o homem de hoje. A todos os que não crêem e buscam humildemente os caminhos da luz».

Fátima, 6-10-1973.

F. P. O.

Aniversário da «Voz da Fátima»

A quantos nos enviaram cumprimentos de felicitações ou se referiram na Imprensa ao aniversário da «Voz da Fátima», ocorrido no passado mês de Outubro, o nosso bem-hajam de muita gratidão e estima.

Horário do Culto na Basilica da Fátima

DE 1 DE NOVEMBRO
A 30 DE ABRIL

MISSAS

AOS DOMINGOS — 7, 8.30, 10.30, 12, 15.30, 17 e 19 horas.

À SEMANA — 7.30, 8.30, 10.30, 12, 15.30, 17 e 19 horas. (Aos sábados a missa das 19 h tem validade para o domingo. As 21 horas, missa da Paróquia da Fátima).

TERÇO

Diariamente, na Capela das Aparições, às 12 horas.

Na Basilica, às 18 horas, todos os dias, menos ao domingo.

VÉSPERAS CANTADAS

Aos domingos, na Basilica, às 18 horas.

CONFISSÕES

Todos os dias das 7 às 19.30.
Das 13 às 15 horas, excepto às quintas-feiras, haverá um confessor.

A Primeira Ave-Maria

«Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo!» — assim saudou a Virgem o Anjo da Anunciação.

E foi esta a primeira ave-maria que no mundo se rezou. Um Anjo a pronunciou; mas já Deus, por toda a eternidade, a tivera na mente, ou, para falar ao nosso modo humano, a meditara. Porque, enfim, Deus é que enviou o Anjo com aquela mensagem, digamos, com aquele recado; Deus é que lhe ditou as palavras com que ele havia de anunciar aos homens, na pessoa da Virgem, os Seus eternos desígnios de salvação.

Aí temos, pois, a primeira ave-maria: pensada por Deus, pronunciada por um Anjo, e tornada, alfin, palavra do Evangelho e floral e dulcíssima oração da Igreja.

Vede se estão ou não bem fundadas as ave-marias que rezamos! Vede que celeste linguagem falamos, quando rezamos a ave-maria!

Que venham agora uns desvairados, uns extraviados, a falar contra o Terço... não, não é isso coisa do Céu, mas do Inferno. Como se, ouvindo o celeste Mensageiro, fosse caso de lhe voltar as costas! Como se, ouvindo-lhe o anúncio da vinda do Salvador, houvesse razão para contestar e resmungar! O que devíamos era repetir com gosto, com devoção, com júbilo, as exultantes e exaltantes

palavras angélicas, e meditá-las, e saboreá-las, e trazê-las sempre na lembrança.

Vejam lá, então, que triste figura estão fazendo esses errados detractores do Rosário, quando, a modos de energúmeno, o desprezam! Rosário quer dizer rosal, ou coroa de rosas, de rosas místicas. Se o não apreciam, é porque serão, quem sabe, avessos às flores, toscos de espírito, secos de unção, corações de pedra. Se o não compreendem, é que não vêem a beleza duma oração, em que se entrelaçam, no ponto mais sublime, o divino e o humano: o Verbo Eterno e a Virgem Pura, o Verbo que, para nos salvar, tomou corpo no seio puríssimo duma virgem.

Nós, irmãos, não enveredemos por esses desvios, que não levam caminho, antes irão desembocar na perdição. Mas, «iluminados os olhos da fé», rezemos e cantemos, com fervor, a ave-maria! Ungidos da graça, floresça em nossos lábios o rosal mariano, para glória de Deus, para louvor da Bendita entre as Mulheres, para nossa salvação! Estaremos assim a sintonizar com a angélica Mensagem, e com a Virgem diremos também o nosso FIAT, isto é, o nosso voluntário SIM, aos amáveis e adoráveis desígnios de Deus.

P.º ABEL GUERRA, S. J.

Serviço Nacional de Doentes

O Homem-Deus, tendo salvado o mundo com os Seus padecimentos, deixou a Sua cruz em herança à humanidade como escada para a bem-aventurança.

Assegurou-nos o Céu, mas quis que, com a fortuna de alcançá-lo, tivéssemos a glória de o merecer.

Cristo expiou por nós e com uma redenção copiosa, mas quer que apliquemos a nós mesmos a Sua expiação. Já não pode sofrer no Seu corpo pessoal, mas quer continuar a sofrer no Seu Corpo Místico que é formado pelos membros da Sua Igreja. Temos, pois, para conforto a procedência honrosa dos nossos sofrimentos.

S. Paulo diz que o sofrimento do tempo presente é nada comparado com a glória que se manifestará para nós na vida eterna.

Um jovem internado num hospital, onde se encontra imobilizado numa cama há 5 anos, dizia-me há pouco: «Sinto-me verdadeiramente feliz com a vontade do Senhor». O sofrimento é a grande escola do verdadeiro amor.

Aproxima-se o Natal. Estamos no Advento (tempo de preparação). Que esta seja alegre e cheia de esperança. Saibamos aproveitar desta vinda. Aceitemos o nosso sofrimento como preparação do encontro com Jesus. Temos a certeza de que a Salvação está ao nosso dispor.

Que o Deus-Menino nos abençoe e nos conceda uma vida de amor.

MARIA DE NORONHA

Graças de Nossa Senhora De quem se trata?

Com data de 8-11-73 e enviada dum lugar chamado Fonte de Angeão, recebemos uma carta a dizer que não lhe mandemos o suplemento «porque o povo custa-lhe a pagar», «para pagarem o jornal ainda vão dizer que é caro», etc.

Ora a pessoa que nos escreveu esta carta esqueceu-se de a assinar e de indicar a sua direcção, e, assim, nada podemos fazer.

Por isso, pedimos-lhe que nos diga: 1.º O nome e direcção exactos em que vai o jornal; 2.º Se é chefe de trezena; 3.º Quantos jornais está a receber; 4.º A diocese a que pertence.

Avisamos ainda que estes casos, tratando-se de chefes de trezena, devem ser comunicados directamente aos Rev.ºs Directores Diocesanos dos Cruzados da Fátima da diocese a que pertencem, os quais, por sua vez, comunicarão à Administração da «Voz da Fátima» as alterações a fazer.

* * *

Escreveu-nos também um senhor de Vila-Cais para que enviássemos a «Voz da Fátima» para sua esposa e lhe dissessemos o custo da assinatura por ano.

Respondemos-lhe num postal, mas este veio-nos devolvido com a indicação de endereço insuficiente. Como na carta não indica a direcção completa, pedimos e agradecemos que no-la indique.

Aproveitamos a oportunidade para pedirmos a todos quantos nos escrevem que indiquem sempre a direcção completa quer no verso do sobrescrito (ou no postal) quer dentro no fim do texto.

PREÇO DA «VOZ DA FÁTIMA»

Tentando esclarecer as dúvidas que ainda possa haver, publicamos, mais uma vez, o preço da «Voz da Fátima» e do suplemento «Ano Santo».

Para os Cruzados que recebem a «Voz da Fátima» por intermédio dos chefes de trezena: Só o jornal passa a custar por ano 10\$00; jornal e suplemento, 15\$00.

Assinantes individuais — Só o jornal, 15\$00 por ano; jornal e suplemento, 20\$00.

Quem quiser assinar só o suplemento: Para assinantes individuais fica por 25\$00 a assinatura desde Outubro de 1973 até Dezembro de 1975, inclusive (27 números); assinantes em conjunto (que vão em rolos) pagam à razão de \$40 por exemplar, devendo requisitar um mínimo de 25 exemplares.

Pedimos aos assinantes antigos, que recebem a «Voz da Fátima» individualmente pelo correio, o favor de liquidarem as suas assinaturas atrasadas, dentro do mais breve espaço de tempo, se ainda o não tiverem feito, à razão de 10\$00 por ano. Devido ao custo dos correios, não fazemos cobranças. A todos quantos nos atenderem, muito obrigado antecipadamente.

Vida do Santuário

Novembro

PEREGRINA

DE RELIGIÃO JUDAICA

Entre um grupo de 30 peregrinos procedentes da Nova Zelândia, Austrália e Inglaterra que estiveram no Santuário no princípio do mês, encontrava-se uma jovem de religião judaica, procedente de Israel, que se mostrou interessadíssima em conhecer a história das aparições e sobretudo a Mensagem da Santíssima Virgem confiada aos pastorinhos, em 1917.

ACÇÃO CATÓLICA

Reuniram-se aqui, nos dias 3 e 4, os Conselhos Diocesanos de Leiria da Liga Agrária Católica masculina e feminina, com a participação de 40 dirigentes e o respectivo assistente. Igualmente estiveram reunidos cerca de 40 jovens dos Movimentos Operários da A. C. da mesma diocese.

REUNIÃO ANUAL DO EPISCOPADO DA METRÓPOLE

Estiveram reunidos na Casa de Retiros do Santuário, de 19 a 24, os bispos residenciais e auxiliares de todas as dioceses do Continente e Ilhas, em reunião anual, para tratar de diversos problemas pastorais. Não puderam participar nos trabalhos os srs. Arcebispo-Bispo de Lamego, que se encontrava em Roma em representação dos bispos portugueses na reunião dos delegados das Conferências nacionais para estudo do plano da Pastoral das Vocações, e D. João Pereira Venâncio, Bispo resignatário de Leiria, ausente numa reunião internacional do Exército Azul de Nossa Senhora da Fátima.

O Sr. Nuncio Apostólico, D. José Maria Sensi, deslocou-se ao Santuário para tomar parte também nalguns trabalhos.

PEREGRINAÇÕES DO ANO SANTO

Reuniram-se no Santuário alguns sacerdotes de várias dioceses para estudar o programa das cerimónias das próximas peregrinações à Fátima durante o Ano Santo. Presidiu à reunião o reitor do Santuário, secretário-geral da Comissão Nacional do Ano Santo. — S. I. S.

A Mensagem da Fátima e o Ano Santo

De 21 a 24 de Novembro, realizou-se, em Roma, uma reunião de estudos sobre a Mensagem da Fátima, como preparação para o próximo Ano Santo.

Presidiu a esta reunião o Sr. D. João Pereira Venâncio, Bispo resignatário de Leiria e presidente da Comissão Internacional do Exército Azul.

Houve as seguintes actividades:

No dia 21 — Abertura em Santa Maria Maior com uma celebração presidida por um cardeal da Cúria Romana, e conferência do P.º Raimundo Spíazi, dominicano, de Roma.

Dia 22 — Três conferências: pelo P.º André Richard, director de l'Homme Nouveau, de Paris; pelo P.º Inácio Ortiz de Urbina, de Roma, e pelo P.º Mário Mason, jesuíta, de Milão.

No dia 23, o Sr. D. João Pereira Venâncio fez uma conferência sobre a doutrina da fé afirmada na Fátima, e houve mais duas conferências: uma pelo P.º Joaquim Maria Alonso e outra por D. Francisco Franzí, Bispo auxiliar de Novara.

No dia 24, dia do encerramento, o P.º Luís Ciappi, teólogo da Casa Pontifícia do Vaticano, proferiu uma conferência subordinada ao tema «Aprofundamento da fé»; o Sr. João Haffert, membro da Comissão Internacional do Exército Azul, fez uma conferência sobre a Mensagem Eucarística da Fátima.

Muitas pessoas se nos têm queixado de não publicarmos, de há uns tempos para cá, as graças recebidas por intermédio de Nossa Senhora ou dos Pastorinhos, sobretudo aquelas pessoas que prometeram mandá-las publicar na «Voz da Fátima» e não descansam enquanto não virem a sua promessa cumprida.

Queremos dizer a estas pessoas que podem viver em paz com a sua consciência, pois nada mais têm a fazer, uma vez que a publicação das graças não depende delas. A sua promessa está cumprida a partir do momento em que mandaram o seu pedido para o jornal. Agora a responsabilidade é doutros.

No entanto, ainda que o espaço do jornal não seja muito, vamos tentar publicar, de vez em quando, algumas destas graças.

Como a Senhora é Mãe de todos os homens, está sempre pronta a dispensar os seus favores a todos aqueles que A invocam com sincero amor e confiança em qualquer parte do mundo. Para exemplo, esta graça que nos veio de Bogotá, na Colômbia, e vamos resumir, traduzindo a carta:

Há 33 anos que sou uma fervorosa devota da Santíssima Virgem da Fátima e tenho recebido assinalados favores tanto espirituais como materiais. Um deles é o seguinte: Estando meu marido gravemente doente, na clínica aprestavam-se para lhe fazer mais uma radiografia, a fim de confirmar a necessidade duma operação aos rins que as radiografias anteriores haviam demonstrado ser indispensável. Pedi então à Santíssima Virgem que, ao ser-lhe feita essa última radiografia, não aparecessem pedras. Assim aconteceu e não houve necessidade de o operarem.

Ofélia de Vélez

NATAL

Menino dormindo.
Silêncio profundo.

Benvindo, Benvindo,
Salvador do Mundo!

Noite. Noite fria.
Mas que linda é!

De um lado, Maria;
Do outro, José.

E um Anjo descerra
A ponta do véu...

E cai sobre a Terra
A imagem do Céu!

PEDRO HOMEM DE MELO

As linhas mestras da nova Pastoral da Fátima

Do jornal «A Ordem» transcrevemos, com a devida vénia, a seguinte carta do Reitor do Santuário:

Ex.mo Senhor
Director do jornal A ORDEM
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

Ex.mo Senhor:

Chegou-me às mãos uma coluna do vosso jornal de 8 p. p., penso que da secção «Tribuna do Leitor», com uma carta de J. P. respeitante à dificuldade de «ouvir missa e comungar» neste Santuário, nos dias 13, fora das duas celebrações programadas das 7 (não 6.30) e 11 horas. Para desfazer qualquer equívoco que as referências do Senhor J. P. possam ter criado acerca das nossas relações com Roma ou com o Prelado de Leiria, e sobretudo para esclarecer os vossos leitores acerca do fundo das nossas acções desagradáveis, venho pedir a V. Ex.cia a subida fineza de publicar o que se segue:

1. O Santuário de Fátima tem-se empenhado ultimamente em que os peregrinos tomem cada vez mais consciência da sua solidariedade na fé, e aproveitem as grandes peregrinações como ocasião privilegiada que Deus lhes oferece para viverem mais extensa e profundamente a graça da comunhão dos santos.

2. Este empenho pareceu tanto mais necessário quanto é facto que uma quantidade apreciável de peregrinos vem ao Santuário com a preocupação primordial de cumprir a «sua» promessa (alguns regressam

até imediatamente a suas terras, se chegam antes do dia 12), e outros, pertencendo ou não à zona dos chamados cristãos marginais, vêm mobilizados por interesses diversos de ordem particular, por exemplo turismo, criando-se facilmente um clima de individualismo que pode dar uma imagem triste, e mesmo ridícula, da verdadeira comunidade de irmãos que procuramos ser.

3. Primeira preocupação concreta tem sido, pois, chamar a atenção de peregrinos e turistas para a existência de um programa comum, profusamente afixado, e a conveniência de todos os realizarem, não só tomando parte activa em cada um dos vários actos, mas também evitando durante a oração comunitária, expressões individuais, que redundam facilmente em individualismos.

4. Ponto culminante de qualquer peregrinação organizada é naturalmente o sacrifício eucarístico e, dentro deste, a comunhão, pela qual, participando do mesmo Pão divino, recebemos, à mesma mesa, o alimento da nossa unidade. Daí o recomendarmos expressamente, nos cartazes afixados, que se não peça a comunhão fora da missa; daí também o esperarmos que os sacerdotes sejam os primeiros a dar o exemplo desta unidade, não celebrando cada um para seu lado — como se o altar da Eucaristia fosse alheio aos grandes lugares, momentos e acções que nos reúnem, e nos unem, na Cova da Iria.

5. Apesar de estas razões nos parecerem fundar legitimamente

uma certa rigidez de disciplina, não temos nada contra as pessoas, e muito menos contra os princípios, que desejam ou permitem a celebração e a comunhão mais ou menos individuais. Achamos, aliás, muito bem a resposta dada ao Senhor J. P. pela citada autoridade eclesiástica de Leiria: «pode até comungar-se fora do Santo Sacrifício quando conveniente».

6. De facto, a grande massa dos sacerdotes e fiéis, até estrangeiros, tem podido acomodar-se, e parece que com certo gosto, ao condicionamento estabelecido (melhor diríamos, ao convite que lhes é dirigido).

7. Para os que teriam transtorno com uma única celebração, previram-se, na verdade, duas soluções: a celebração eucarística das 7 (que tende a desaparecer por força da lógica) e as celebrações individuais. Contrariamente ao que, pelos vistos, foi dito ao Rev. P. José Santana, as missas individuais não foram proibidas, apesar de causarem um transtorno considerável à boa marcha da peregrinação, dada a dificuldade de encontrarmos locais suficientemente isolados, (como convém que sejam, para não favorecerem a formação de pequenos ou grandes grupos que deverão antes participar nas celebrações comuns). Esta dificuldade vai agravar-se no futuro se, como estamos a tentar, for possível deslocar as confissões das criptas para a basílica.

8. Fique, porém, claro que não houve qualquer proibição quanto à celebração individual e que, portanto, os factos apontados são imputáveis ao zelo de algum empregado que resolveu decidir pelo mais simples em lugar de perguntar a quem de direito.

Procuramos, no Santuário, nutrir, em todos, um grande respeito pelas pessoas mais idosas (que são geralmente quem nos pede estas excepções) e por isso fazemos o possível por atendê-las. Tanto mais que nos resta uma grande confiança na compreensão de sacerdotes e peregrinos que, aceitando este esforço de congregação na unidade, não só evitarão realizar individualmente os actos essencialmente comunitários (compreendemos que uma promessa de joelhos, por exemplo, não pode cumprir-se a dois) mas participarão cada vez mais plenamente nos actos oficiais e reservarão as suas peregrinações para fora dos dias 13, quando o tempo de que dispõem, ou o programa que pretendem realizar, se não harmoniza com o grande programa que constitui como que a coluna vertebral das grandes celebrações de Fátima.

9. Digne-se V. Ex.cia aceitar a minha profunda gratidão pelo tempo e o espaço que me concedeu.

Santuário de Fátima, 24 de Setembro de 1973.

P.^e Luciano Gomes Paulo Guerra

(Reitor do Santuário)

Dominicanas foi o nome da Caridade

Estamos nuns tempos difíceis e, às vezes, mais pessimistas do que difíceis. Fala-se de crise na Igreja, nas Instituições Religiosas. Mostra-se quase exclusivamente os aspectos negativos e deixa-se o bem no esquecimento. Às vezes parece existir um certo prazer em procurar, comentar e publicar o que há de sombrio.

É verdade que, às vezes, fala-se muito de caridade e fica-se quase só em palavras e, na prática, não se está tanto do lado dos pobres como se apregoa, como se devia estar, como Cristo mandou.

Para que vejamos que também há muita coerência e generosidade que quase sempre fica escondida, aqui fica um exemplo:

Nas vezes que tenho ido à Fátima com os pobres, quer ciganos, quer cabo-verdianos, sem meios para alojar tanta gente, apalpou-se a generosidade de muita gente: do Santuário e de quase todas as Instituições Religiosas ali existentes. Muito obrigado a todos.

Desta última vez, quase antes de apresentar a necessidade, as Dominicanas ultrapassaram tudo quanto se podia esperar: puseram à disposição dos trabalhadores cabo-verdianos ótimas camas e quartos, deram as refeições e ofereceram salas alcatifadas,

as melhores que tinham, para as reuniões!

Parabéns, Irmãs Dominicanas, pelo espírito de fé e pela lição que nos deram: vê-se que estão convencidas de que Cristo Se identificou sobretudo com os pobres: «O que fizestes ao mais pequenino, a Mim o fizestes».

No fim do convívio, a alegria era tanta que todos os outros hóspedes, até as Irmãs e as empregadas, se associaram em cheio aos ritmos cabo-verdianos.

À despedida, perguntei quanto era da estadia de toda a gente: As Irmãs responderam: «P.^e Pinheiro, quanto ganhou com o seu trabalho?... «Pois nós também não queremos nada!»

Já pelo caminho, um cabo-verdiano dizia-me: «Hoje estou contente; amanhã estar triste». — Perguntei porquê. Respondeu: «Hoje dormi cama boa; amanhã dormir na terra nos papéis dos sacos de cimento».

Isto já lhes diz do bem que fizeram, não é verdade, Irmãs? E a todos nós diz do muito que podemos fazer.

Muito obrigado em nome de todos. Irmãs, sem a vossa generosidade, não teria sido possível o bem que se fez.

Desta vez a Caridade chamou-se Dominicanas.

P. PINHEIRO

Boas-Festas do Natal

A VÓS, BEBÉS acabados de nascer...
cheios do silêncio do berço...
cheios dos cuidados de quem vos deu à luz...

A VÓS, CRIANÇAS de palmo e meio...
cheias de alegria a saltar...
cheias de esperança a sorrir...

A VÓS, JOVENS DE IDEAL DESFEITO...
vítimas da incompreensão e da má vontade...
vítimas do medo e do desânimo...

A VÓS, JOVENS DE IDEAL LARGO...
cheios de amor na alma e promessas nos olhos...
cheios de projectos realizados e vitórias pensadas...

A VÓS, HOMENS DE MEIA IDADE...
de estômago vazio por culpa dos outros...
de coração triste por maldade alheia...

A VÓS, HOMENS DE MEIA IDADE...
a quem o trabalho não falta...
nem o pão faz mingua...

A VÓS, VELHINHOS DOENTES...
cheios de dores no corpo e de amarguras na alma...

A VÓS, VELHINHOS SAUDÁVEIS...
cheios de rugas na face e saudades nos olhos...
cheios de calos nas mãos e bênçãos no coração...

BOM NATAL! BOM NATAL!